

SIMBOLISMO DOS CAVALOS E SEUS CAVALEIROS

Lembre-mos de que o simbolismo do Apocalipse se funda no Antigo Testamento. Assim, o simbolismo dos cavalos e seus cavaleiros em passagens como Ezequiel 5.17; 14.21; Zacarias 1.8ss., devem ser levadas em consideração.

Agora, o que aprendemos dessas passagens do Antigo Testamento que poderiam ser úteis na explicação de Apocalipse 6?

Em Ezequiel, quem aflige Judá é Babilônia. Mas Babilônia, por sua vez, é instrumento nas mãos de Jeová, que envia juízos a fim de purificar Jerusalém e para santificar seu povo. (Ver, especialmente, Ez 11.19; 33.11.) Semelhantemente, em Zacarias, o segundo, o terceiro e o quarto cavaleiros estão associados com o primeiro: estão a seu serviço.

Possivelmente, a mesma coisa é válida quanto aos cavaleiros descritos em Apocalipse 6. Considerando o Antigo Testamento, não é de se surpreender, também, que o segundo e o terceiro cavaleiros servem ao primeiro: são instrumentos de Cristo para refinar e fortalecer seu povo. Na verdade, é o mundo iníquo que persegue a Igreja. Mas esse mesmo mundo é, por sua vez, instrumento na mão daquele que tomou o rolo. Assim, Satanás é derrotado pelas suas próprias armas; aquilo cuja intenção era ser instrumento de extinção se torna meio de fortalecimento da Igreja, como instrumento de fomento do reino e de salvação do seu povo.¹

Voltamos, então, para o discurso escatológico de Cristo, relatado em Mateus 24, Marcos 13 e Lucas 21. Embora esses capítulos não forneçam uma explicação completa e simples de Apocalipse 6, eles devem ser levados em conta. Quem lê o discurso do Senhor Jesus Cristo, imediatamente observa que, entre os sinais que anunciam a segunda vinda, há alguns que se referem à humanidade em geral e, outros, que dizem respeito, mais diretamente, aos crentes (ver Mt 24.6-10; Mc 13.7-9). Vejamos Lucas 21.10-13.

- (i) Sinais que se referem à humanidade em geral: “Então lhes disse: Levantar-se-á nação contra nação, e reino contra reino; haverá grandes terremotos, epidemias e fome em vários lugares, cousas espantosas e também grandes sinais do céu”, etc.
- (ii) Sinais que dizem respeito, mais diretamente, aos crentes: “Antes, porém, de todas essas coisas, lançarão mão de vós e vos perseguirão, entregando-vos às sinagogas e aos cárceres, levando-vos à presença de reis e governadores, por causa do meu nome...”.

Mesmo que as tribulações do primeiro grupo, que os crentes experimentam juntos com o resto da humanidade, sejam aqui preditas do ponto de vista de sua significância para os crentes, a distinção entre os dois grupos continua clara.

Se o simbolismo de Apocalipse 6 revelasse igual distinção, de modo que, digamos, o segundo e o terceiro cavaleiros descrevem, particularmente, o que acontece com os crentes por permanecerem fiéis ao seu Senhor, enquanto o quarto cavaleiro expõe o que os filhos de Deus experimentam junto com o resto do mundo, então não deveríamos nos surpreender. Se, porém, Apocalipse 6 nada tem que ver com Mateus 24, Marcos 13 e Lucas 21, mais ou menos esperamos essa distinção.

b. O cavalo vermelho. Tendo já estudado as passagens que constituem o pano de fundo para Apocalipse 6, dirijamos nossa atenção para o segundo cavalo e seu cavaleiro. O segundo “ser vivente” ordena ao segundo cavalo que venha. “E saiu outro cavalo, vermelho; e ao seu cavaleiro foi-lhe dado tirar a paz da terra para que os homens se matassem uns aos outros; também lhe foi dada uma grande espada (*machaira*).”

Creemos que esse cavalo e seu cavaleiro se referem à perseguição religiosa dos filhos de Deus, mais do que a guerra entre nações; carnificina e sacrifício em vez de guerra. Os crentes são “mortos por causa do seu nome”. Isso pertence à categoria de sinais dirigidos, mais diretamente, aos crentes: sua perseguição movida pelo mundo. Oferecemos os seguintes argumentos em favor deste ponto de vista.

¹ A. Plummer, *op. cit.*, p. 184.

Primeiro, esta explicação está em marcante acordo com o contexto imediato. O segundo cavalo se segue ao primeiro, isto é, sempre que Cristo, pelo seu evangelho, Espírito, etc., faz sua entrada, a espada da perseguição se segue. Essa passagem está, também, de acordo com Apocalipse 10.9.

Segundo, este ponto de vista é confirmado por uma passagem paralela, Mateus 10.34: “Não penseis que vim trazer paz à terra; não vim trazer paz, mas espada. Pois vim causar divisão entre o homem e seu pai; entre a filha e sua mãe e entre a nora e sua sogra... e quem não toma a sua cruz, e vem após mim, não é digno de mim. Quem acha a sua vida perdê-la-á; quem, todavia, perde a vida por minha causa, achá-la-á”.

Terceiro, não deve escapar à nossa atenção o que lemos em nossa passagem: “que os homens se *matassem* uns aos outros”. Esse não é o termo comum que João usa para indicar o ato de matar ou guerra. Em todos os escritos do apóstolo João, com uma única exceção (Ap 13.3), esse termo se refere à morte de Cristo ou a execução de crentes. Eis todas as passagens nas quais João usa a palavra que, na sua forma formal, lhe é peculiar. “Caim... assassinou a seu irmão”(1Jo 3.12): aqui é dito de um filho de Deus (Abel) que foi assassinado ou morto brutalmente. “...Um Cordeiro como que tinha sido morto” (Ap 5.6): aqui está Cristo sacrificado por causa do pecado. “Digno é o Cordeiro que foi morto” (Ap 5.12): esta é uma clara referência a Cristo. “...As almas daqueles que tinham sido mortos por causa da palavra de Deus” (Ap 6.9): aqui a palavra se refere aos crentes. “...Do Cordeiro que foi morto” (Ap 13.8): uma referência a Cristo. “E nela se achou sangue de profetas, de santos e de todos os que foram mortos sobre a terra” (Ap 18.24): a referência é feita, claramente, aos crentes.

Contudo, em Apocalipse 13.3, a cabeça “golpeada de morte” pertence à besta, que arroga a si a honra e o poder pertencentes a Cristo.

Assim, não é improvável que na única passagem restante, esta sobre a qual estamos discutindo (Ap 6.4), também se refira, primariamente, aos crentes. Perseguições religiosas parecem ser a questão principal, não a guerra em geral.

Quarto, lemos que, quando o quinto selo é aberto, João vê “as almas daqueles que tinham sido mortos por causa da palavra de Deus”. Como já foi mencionado, a mesma palavra “assassinado” é utilizada no original. Aqui, porém, diz, claramente, que as pessoas mortas são crentes. Foram mortos por causa da Palavra de Deus. Não parece razoável supor que aqueles que foram vistos sob o segundo selo tendo sido assassinados são os mesmos descritos, sob o quinto selo, como também *tendo sido* assassinados?

Quinto, lemos: “...também lhe foi dada uma grande espada (*machaira*)”. O termo *machaira* é usado num sentido bem amplo, como qualquer estudo da Escritura, com o simples auxílio de uma concordância, revelará. Aqui, ele significa, exatamente, uma adaga sacrificial,² o instrumento natural da matança mencionada. É a palavra “cutelo”, usada na Septuaginta para traduzir Gênesis 22.6,10, na História do sacrifício de Isaque, onde também encontramos a palavra “matar, sacrificar”.

Finalmente, mantenhamos em mente que o Senhor Jesus Cristo está falando, nesse livro, a crentes que, na ocasião em que a visão foi inicialmente revelada, estavam sendo perseguidos até a morte. O morticínio dos crentes era uma preocupação imediata, muito mais premente do que uma guerra em geral.

Sempre que o cavaleiro do cavalo branco – Cristo – aparece, segue-se o cavaleiro do cavalo vermelho. (Ver Mt 5.10, 11; Lc 21.12; At 4.1; 5.17, etc.) Lembre-se de Estevão e Paulo, Públio e Policarpo, Perpétua e Felicitas, a Inquisição e a noite de São Bartolomeu, Armênia e Rússia, John e Betty Stam.³ O cavaleiro no cavalo vermelho não se refere a uma pessoa em particular. Nem pertence a uma época em especial. Nenhum século fica sem seu cavaleiro do cavalo vermelho: o mundo está sempre perseguindo a Igreja. Cristo sempre traz a espada. A paz é retirada da terra (Mt 10.34).

² A. Plummer, *op. cit.*, p. 185.

³ N. L. Saloff-Ostakhoff, *Christianity and Communism: Real Russia 1905 to 1932*. Mrs. H. Taylor, *The Triumph of John and Betty Stam*.

Contudo, louvado seja Deus! Porque a espada sacrificial, ou cutelo, é “dada” ao cavaleiro. Todas as coisas estão nas mãos de Deus. O Cordeiro reina!

c. *O cavalo preto.* O terceiro “ser vivente” dirige-se ao terceiro cavaleiro, dizendo: “Vem”, e ele sai sobre seu cavalo preto. Esse cavaleiro tem na mão uma balança (Ez 4.10). Comer pão por peso é uma referência a uma condição de dificuldade econômica. Uma voz soa do meio dos quatro seres viventes, dizendo: “Uma medida de trigo por um denário; três medidas de cevada por um denário...” Noutras palavras, o salário de um dia pelo preço de farinha que basta para apenas uma pessoa por um dia (cf. Mt 20.2). Nesses termos, um homem poderia manter apenas a si mesmo, mas o que será de sua família? É claro que ele poderia comprar cevada, o alimento não-refinado, a um terço do preço e prover para a família. Mas é só de comida que a família precisa? E as outras necessidades? Quando tais preços prevalecem, é difícil para um homem acertar suas contas. Não é a fome que é mencionada aqui, pois tais preços, ainda que altos, não são preços de fome.⁴ Além disso, qualquer um que tenha dinheiro pode comprar quanto trigo quiser! E essa é a questão. Como pode uma pessoa que ganha muito pouco, sustentar sua família quando os preços estão tão altos? A classe mais baixa será duramente pressionada. Mais tarde saberemos a que grupo de pessoas o texto se refere.

A voz continua: “E não danifiquem o azeite e o vinho”. De óleo e de vinho, representando os confortos da vida, há pleno suprimento! Mas estão fora do alcance do homem que já tem bastante dificuldade em prover escasso alimento para sua família. Agora temos o quadro todo: vemos o rico usufruindo comida em abundância e todos os confortos da vida. O pobre, porém, mal tem o suficiente para manter corpo e alma juntos.

Surge a questão: Quando o vidente se refere a essas pessoas pobres e duramente pressionadas, em quem ele está pensando? A resposta é óbvia. Fica bem claro no livro do Apocalipse que os crentes eram pobres. Os primeiros leitores entendiam imediatamente esse símbolo. Recebemos do próprio livro do Apocalipse a informação sobre as condições econômicas prevalecentes na Igreja nesse tempo.

Sabemos, antes de tudo, que ninguém poderia permanecer em seu negócio sem sacrificar suas convicções e seus princípios religiosos. O que aconteceria se uma pessoa evitasse tais organizações? É preciso pouca imaginação para entender que o resultado de tal afastamento seria perdas materiais e sofrimento físico.

Então, aprendemos, também, que qualquer que não tivesse a “marca da besta” não estava habilitado a comprar ou vender (ver Ap 13.17).

Não tem isso sido verdadeiro através dos tempos? Não é um princípio da conduta humana oprimir os crentes e fazê-los sofrer necessidades físicas? Quão frequentemente os filhos de Deus têm sido barrados em seus empregos, negócios ou profissões porque insistem em ser fiéis às suas convicções? Um homem, por exemplo, que se recusa a trabalhar no Dia do Senhor e é despedido. Consequentemente, ele é forçado a trabalhar noutro emprego por um salário menor. Ele tem família para sustentar. Em vão se procuraria qualquer conforto ou luxo em sua casa. Outro, por questões de consciência, recusa-se a afiliar a um sindicato que defende uma política de violência e o resultado é que ele, também, perde o emprego. O rico opressor, entretanto, tem abundância. Ninguém danifica seu óleo ou seu vinho.

O segundo e terceiro cavaleiros pertencem à mesma categoria. Ambos descrevem a perseguição do povo de Deus. Alguns crentes são mortos. Seu sangue é derramado. Esses são mártires no sentido mais restrito do termo. O segundo (vermelho) cavalo e seu cavaleiro os descrevem. Mas nem todos os crentes sofrem real martírio nesse sentido. Ainda assim, num sentido mais amplo, os outros também são mártires. Sofrem pobreza e dificuldade (cf. 1Co 1.26). O cavalo preto e seu cavaleiro podem ser vistos em sua missão de espalhar espantosa opressão, injustiça e dificuldade econômica através dos séculos de existência da Igreja.

⁴ Ver R. C. H. Lenski, *op. cit.*, p. 227.

Essa forma de perseguição é também um instrumento na mão de Cristo para o progresso do seu reino. O indivíduo duramente oprimido sente sua dependência em Deus.

Assim, o segundo e o terceiro cavaleiros descrevem esses infortúnios que afetam os crentes de maneira muito especial. Eles simbolizam que o mundo, ao longo de toda a dispensação, perseguirá a Igreja de todas as maneiras possíveis. Lembremo-nos de que as duas formas de perseguição aqui mencionadas, isto é, assassinato e injustiça ou dificuldade econômica, representam todas as formas. *d. O cavalo amarelo.* São essas, porém, as únicas provações pelas quais a Igreja deve passar em seu caminho para a glória eterna? De modo algum. Tal como em Mateus 24, Marcos 13 e Lucas 21 há a menção de um segundo grupo de tribulações, assim também aqui. Há desgraças que a Igreja deve sofrer junto com o mundo pela simples razão de que está no mundo. Assim é que essa classe de tribulações que o quarto cavalo e seu cavaleiro trazem chamam a nossa atenção.

O quarto selo é aberto. O quarto ser vivente diz: “Vem”, e um cavalo pálido ou arroxado é visto.⁵ É um cavalo com uma cor doentia e repulsiva, símbolo de doença e morte. Sobre⁶ esse cavalo se assenta um cavaleiro cujo nome é Morte. Significa morte em geral; sim, morte em sua forma mais universal, pois os instrumentos de morte aqui mencionados afetam tanto os crentes quanto os não-crentes. Após a morte, como sempre, vem o Hades.⁷ A morte ceifa, e o Hades – que simboliza o estado de existência desencarnada – ajunta os mortos. Ainda assim, a morte e o Hades não podem agir como querem. Nada podem fazer além do permitido pela vontade divina. Isso é enfatizado pela consolação dos crentes. Lemos que tal autoridade é *dada* à morte e ao Hades. Sua esfera de atividade, sobretudo, é bem definitivamente restrita. Embora o território seja grande, a quarta parte da terra, mesmo assim seus limites são definitivamente estabelecidos pelo decreto divino, o qual é cumprido pelo Cordeiro. A quarta parte e nada mais!

A eles é dada autoridade para matar “à espada, pela fome, com a pestilência [ou morte] e por meio das feras da terra”. Essas são quatro desgraças que não haviam sido descritas sob o segundo e terceiro selos. Essa passagem é decididamente baseada em Ezequiel 14.21, 22. Observe a íntima semelhança: “Porque assim diz o Senhor Deus: Quanto mais, se eu enviar os meus quatro maus juízos, a espada, a fome, as bestas-feras e a peste, contra Jerusalém, para eliminar dela homens e animais? Mas eis que algumas restarão nela”. Aqui (Ap 6.8) as mesmas quatro desgraças são mencionadas quase na mesma ordem.

Primeiro, menciona-se a morte pela espada. Aqui não lemos “assassinar”, como no segundo selo, mas “matar”. Também o termo traduzido por “espada” é diferente. Não é a *machaira*, mas a *rhomphaia*. Não é a faca sacrificial ou cutelo, a espada longa e pesada, como a que Davi usou para cortar a cabeça de Golias. Na tradução da Septuaginta, de Ezequiel 14.21, encontramos a mesma palavra (*rhomphaia*) usada aqui em Apocalipse 6.8. Aqui, trata-se de *guerra*! Os comentaristas que mantêm que o segundo cavalo e seu cavaleiro se referem à guerra entram em dificuldades na explicação do quarto cavalo. E se, além disso, interpretaram o terceiro selo como significando fome, eles estarão perdidos quanto ao que fazer com o quarto selo quando este também indicar fome. Eles tentam evitar essa dificuldade ensinando que as desgraças do segundo e terceiro selos se repetem no quarto – uma repetição improvável e ininteligente – ou que muito do que é descrito no quarto selo é uma interpolação.⁸ Este, é claro, é um meio muito conveniente de despachar o problema. Culpe o escriba!

Um estudo cuidadoso revela, porém, que esses quatro selos indicam tipos de desgraças facilmente distinguíveis. O quarto selo, sobretudo, descreve quatro⁹ desgraças universais. São vistas aqui do aspecto de seu significado para a Igreja. É mencionada, primeiro, a guerra, não apenas uma guerra em particular, mas guerra entre nações, sempre e quando ela ocorra através de toda a

⁵ Quanto à cor, cf. 8.7; 9.4.

⁶ A preposição aqui é diferente da usada nos outros casos.

⁷ Ver A. Pieters, *op. cit.*, p. 122.

⁸ Ver R. H. Charles, *op. cit.*, p. 169.

⁹ Este é o número do universo: norte, sul, leste e oeste.

dispensação. Fica claro que a espada (*rhamphaia*) se refere à guerra, baseado em Apocalipse 2.16; 19.21.

Depois, são mencionadas fome e escassez. Isso, também, é uma desgraça geral, frequentemente mencionada na Bíblia. Quando uma cidade é sitiada em tempos de guerra, geralmente seguem-se fome e escassez.

A escassez, por sua vez, é geralmente seguida, ou associada, à pestilência. Pestilência, tanto aqui quanto na tradução da Septuaginta de Ezequiel 14.21, é chamada “morte”. Tal como hoje a chamamos de “morte negra”. Assim mencionada em conexão com a fome, é provável que se refira à própria peste bubônica.¹⁰ Quem estiver interessado numa fascinante descrição do que consideramos ser a peste bubônica deve ler 1 Samuel 5–7.¹¹

Ver Jeremias 21.6-9; Lucas 21.11 para uma íntima relação entre fome e pestilência.

Finalmente, tal como em Ezequiel, aqui as bestas são mencionadas (ver 2Rs 17.25). Estas bestas também não distinguem entre crentes e não-crentes. Elas fazem em pedaços e devoram o que quer que agarrem dentro e fora das arenas romanas.

Assim, todas as quatro – guerra, fome, pestilência e bestas feras – são gerais em seu caráter. Essas quatro, sobretudo, são símbolos de *todas* as desgraças universais que os crentes sofrem juntamente com o resto da humanidade através de toda a dispensação. Contudo, com respeito à Igreja, essas desgraças têm um significado especial. Nosso Senhor Jesus Cristo usa essas desgraças como instrumentos para a santificação de sua Igreja e para a extensão do seu reino.¹²

Chegamos à seguinte conclusão com respeito ao significado dos quatro cavaleiros do Apocalipse:

O cavaleiro do cavalo branco é o Senhor Jesus Cristo.

O cavaleiro do cavalo vermelho representa a mortandade.

O cavaleiro do cavalo preto representa as dificuldades econômicas e a pobreza devidas à injustiça.

O segundo e o terceiro selos simbolizam a perseguição direta da Igreja, movida pelo mundo.

O cavaleiro do cavalo pálido (amarelo) representa a morte, a espada (guerra), fome, pestilência, bestas feras. Estas são desgraças comuns da humanidade descritas aqui da perspectiva de seus efeitos sobre o reino de Deus.

Mais que vencedores, William Hendriksen, Editora Cultura Cristã

¹⁰ Cf. R. C. H. Lenski, *op. cit.*, p. 231.

¹¹ A doença sofrida pelos Filisteus depois de terem tomado a arca era, com toda possibilidade, a peste bubônica, pelas seguintes razões:

- Em ambos os casos temos, como um dos sintomas, tumores ou glândulas linfáticas supuradas. Os tumores são as bolhas da praga.
- Em ambos os casos uma das regiões em que esses inchaços ocorrem incluem a virilha.
- Em ambos os casos a doença está associada a ratos ou camundongos. Evidentemente, temos aqui uma transmissão da praga de ratos ou pulgas para o homem (ver H. Zinsser, *Rats Lice and History*).
- Ambos os casos são caracterizados por contágio rápido e epidêmico.
- Mortalidade alta também caracteriza ambos. A doença “destruiu” os homens de Asdode; “prostrou” os habitantes de Gade.

¹² Tanto conversão em massa quanto desintegração moral e religiosa resultam de calamidades como essas. (Ver H. Zinsser, *op. cit.*, pp. 86, 139.)